



DOIS CONTOS DE JENS PETER JACOBSEN: “DOIS MUNDOS” E “DEVERIA TER HAVIDO ROSAS”

JACOBSEN, J. P. “TO VERDENER”; “DER BURDE HAVE VÆRET ROSER. FRA SKITSEBOGEN”. IN: _____. *SAMLEDE SKRIFTER*. 5. ED. KØBENHAVN OG KRISTIANIA: GYLDENDAL, 1906. V. 2, P. 355-375.

Ludmila Menezes Zwick*
Renato Zwick**

* apuslynx@gmail.com
Mestra em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo e Doutora em Letras (Literatura e Cultura Russa) pela mesma universidade.
* renatozwick@hotmail.com
Mestre em Letras (Língua e Literatura Alemã) pela Universidade de São Paulo.

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

O poeta, romancista, tradutor e botânico dinamarquês Jens Peter Jacobsen (1847-1885) nasceu, cresceu e morreu na pequena cidade costeira de Thisted; sua curta existência não diminuiu a grandeza de sua obra. De Darwin, Jacobsen traduziu ao dinamarquês em 1872 *A origem das espécies* (1859) e em 1875 *A descendência do homem* (1871). Escreveu seus primeiros poemas sob o título *Hervert Sperring* (1868), estreando oficialmente em 1872 com o conto *Mogens*. Em 1873, recebeu a medalha de ouro da universidade de Copenhague – cidade onde viveu de 1867 a 1884 – por sua dissertação sobre algas de água doce, mesmo ano em que contraiu tuberculose numa viagem pela Europa. Em 1876 publicou o romance *Fru Marie Grubbe* (*Senhora Marie Grubbe*); no ano seguinte, fez sua segunda viagem pela Europa e, em 1878, a terceira e última. Em 1880, publicou seu mais conhecido romance, *Niels Lyhne* e, dois anos depois, *Mogens og andre Noveller* (*Mogens e outros contos*), volume que inclui os dois contos ora traduzidos, “To Verdener” (“Dois mundos”), de 1879, e “Der burde have været Roser. Fra Skitsebogen” (“Deveria ter havido rosas: do caderno de rascunhos”), de 1882.

*

DOIS MUNDOS

O Salzach não é um rio alegre, e em sua margem oriental há um pequeno vilarejo muito triste, muito pobre e singularmente silencioso.

Como um miserável bando de mendigos esqueléticos que ficaram retidos pela água e nada tiveram a oferecer como pagamento pela travessia, as casas se encontram embaixo, na derradeira orla da margem, apoiadas umas às outras com seus ombros reumáticos, e revolvem desoladoramente com suas muletas apodrecidas a corrente pardacenta, enquanto suas vidraças pretas e opacas, do pano de fundo dos alpendres, olham fixamente para a frente sob a protuberante sobancelha do telhado de madeira, olham fixamente com uma expressão hostil de aflição cheia de ódio para as casas mais afortunadas da outra margem, que uma a uma e duas a duas e aqui e ali se esparramam em aprazíveis grupos pela campina verde ao longe, rumo à distância nevoenta e dourada. Mas em volta das casas pobres não há brilho algum, apenas escuridão e silêncio cismarentos, agravados pelo rumor do rio, que, relutantemente mas ainda assim sem nunca cessar de correr, murmura lá consigo mesmo em seu caminho, tão cansado da vida, tão estranhamente alheio.

O sol estava se pondo; o estridente zumbido vítreo das cigarras começou a encher o ar no outro lado e, vez por outra, era trazido de lá para cá por um súbito e débil sopro

de vento, que vinha e morria na vegetação de delgados salgueiros da orla do rio.

Sobre o rio, vinha um barco.

Numa das últimas casas, uma fraca e exaurida figura feminina curvava-se para a frente sobre o parapeito do alpendre e olhava para ele. Com a mão quase transparente, fazia sombra para os olhos; pois lá no alto onde estava o barco, o clarão do sol se achava, dourado e cintilante, pungentemente sobre a água, e parecia que o barco navegava sobre um espelho de ouro.

Através da clara semiescuridão, o rosto pálido como cera da mulher luzia à frente como se tivesse luz própria; nítido e marcado, era visível como as cristas de espuma que mesmo nas noites escuras branquejam as ondas do mar. Seus olhos desesperançados espreitavam com receio, em torno da boca cansada havia um sorriso estranhamente débil, mas as rugas verticais em sua testa redonda e saliente espalhavam sobre todo o rosto uma sombra de determinação no desespero.

O sino da pequena igreja do vilarejo começou a badalar. Ela se afastou do clarão do sol e moveu a cabeça para a frente e para trás como que para esquivar-se do toque do sino, enquanto murmurava, quase como resposta ao incessante repicar: “Não posso esperar, não posso esperar”.

Mas o som continuou.

Como que num tormento, ela andava para a frente e para trás no alpendre; a sombra do desespero ficara ainda mais profunda, e ela respirava pesadamente como alguém oprimido pelo choro e que contudo não pode chorar.

Por longos e longos anos, sofrera de uma dolorosa doença que jamais lhe dava sossego, quer estivesse deitada, quer caminhasse. Procurara uma benzedeira após a outra, arrastara-se de uma fonte sagrada para a outra, mas sem proveito. Da última vez, estivera na peregrinação de setembro a São Bartolomeu e lá um velho caolho lhe dera o conselho de amarrar um ramallete de edelvais e arruda murcha, de sabugos de milho e samambaias de cemitério, um cacho de seu cabelo e uma lasca de caixão; ela devia, então, jogar esse ramallete numa jovem sadia e viçosa que chegasse pela água corrente; assim a doença a abandonaria e passaria para a outra.

E agora ela escondera o ramallete em seu peito, e sobre o rio vinha um barco, o primeiro desde que conseguira amarrar o molho enfeitiçado. Ela se aproximara outra vez do parapeito do alpendre, o barco estava tão próximo que ela podia ver que havia cinco ou seis passageiros a bordo. Forasteiros, parecia. Na proa, em pé, estava o condutor com um croque, ao leme estava sentada uma mulher e

timoneava, e um homem encontrava-se junto dela e prestava atenção se ela timoneava de acordo com os sinais do condutor; os outros estavam sentados no meio do barco.

A doente curvou-se bastante para a frente; cada traço de seu rosto estava tenso e perscrutante, e tinha as mãos no colo. Suas têmporas latejavam, a respiração quase cessara e, com narinas dilatadas, com faces ruborizadas e olhos arregalados e fixos, aguardava a chegada do barco.

Já se podia ouvir a voz dos viajantes, ora claramente, ora apenas como um murmúrio abafado.

– Felicidade – disse um deles – é uma representação absolutamente pagã. Não encontras essa palavra numa única passagem do Novo Testamento.

– Beatitude? – objetou um outro, perguntando.

– Não, ouça – dizia-se agora –, com toda certeza é o ideal de uma conversa afastar-se daquilo de que se fala, mas me parece que poderíamos fazer isso de modo apropriado ao voltarmos àquilo com que tínhamos começado.

– Pois bem, os gregos...

– Primeiro os fenícios!

– Que sabes dos fenícios?

– Nada! Mas por que os fenícios devem ser sempre preteridos?

Agora o barco estava exatamente debaixo da casa, e enquanto estava ali, havia alguém a bordo que acendeu seu cigarro. A luz caiu em algumas breves fulgurações sobre a mulher ao leme, e, em seu brilho avermelhado, via-se um rosto de moça, jovem e sadio, com um sorriso feliz nos lábios entreabertos e uma expressão sonhadora em seus olhos claros que olhavam para cima, para o céu escuro.

Extinguiu-se o brilho, ouviu-se um breve chapinhar, como se alguma coisa tivesse sido jogada na água, e o barco passou.

Passara-se mais ou menos um ano. O sol se punha entre bancos de nuvens imensas e pesadamente rubras que lançavam um resplendor vermelho-sangue sobre as águas turvas do rio; um vento fresco roçava a campina, não havia cigarras, apenas o murmurar do rio e o sussurro das tremulantes orlas juncosas. À distância, via-se um barco descendo com a correnteza.

A mulher do alpendre estava embaixo, junto à margem. – Na época em que jogara seu ramallete enfeitado na jovem, ela caíra desmaiada no alpendre, e a forte emoção, quem sabe também um novo médico dos pobres que chegara à região, provocara uma mudança em sua doença, e

após um atribulado intervalo ela começou a se recuperar e, alguns meses depois, estava completamente sã. No início, estava como que embriagada por esse sentimento de saúde, mas isso não durou muito, então ficou abatida e preocupada, inquietamente desesperada, pois por toda parte a perseguia a imagem da jovem no barco. Primeiro esta lhe veio como a vira, jovem e florescente, ajoelhando-se a seus pés e olhando-a suplicante; então, mais tarde, tornou-se invisível, mas mesmo assim ela sabia onde ela estava e que ali estava, pois a ouviu deitada e lamentando-se bem baixinho, de dia em sua cama, de noite num canto de seu quarto. Mas, ultimamente, ela ficara calada e visível outra vez; estava sentada diante dela, pálida e exaurida, fitando-a com olhos anormalmente grandes e estranhos. –

Nessa noite, ela estava à margem do rio; tinha um cavaco nas mãos e caminhava e traçava uma cruz após a outra na lama mole; vez por outra, soerguia-se e escutava, e então continuava a desenhar.

Nisto começou a tocar o sino.

Ela terminou a cruz cuidadosamente, pôs o cavaco de lado, ajoelhou-se e rezou. Em seguida, entrou no rio até a cintura, juntou as mãos e deitou-se na água cinza-escura. E esta a tomou, arrastou-a às profundezas e fluiu pesada e

tristemente como sempre, passando pelo vilarejo, passando pelos campos – para longe.

Agora o barco se aproximara bastante; tinha a bordo os jovens que aquela vez ajudaram um ao outro a timonear e que agora estavam em sua viagem de núpcias. Ele estava sentado ao leme, ela estava em pé no meio do barco, coberta com um grande xale cinza e com um pequeno chapéu vermelho na cabeça... Estava parada e apoiava-se contra o mastro curto e sem vela, e cantarolava.

Assim eles flutuavam exatamente sob a casa. Ela acenou contente com a cabeça para o timoneiro, olhou para o céu e pôs-se a cantar, cantou, apoiada contra o mastro e com o olhar voltado para as nuvens flutuantes:

Ó vasto jazigo,
 Está seguro meu abrigo?
 Estás firmemente construído, de minha felicidade o castelo,
 E protegem suas muralhas da ira e do flagelo?
 O que enegrece lá fora no teto do alto arrebol,
 Onde habitam as nuvens vermelho-sol?
 As sombras conheço bem...
 Lá fora vão e vêm,
 Medram ali
 Os pensamentos que bani

De meu tempo de melancolia.

Vós, sombras, vinde, entrai e visitai

Meu castelo, e próximas de meu coração sentai

E bebei da taça de áurea luminosidade

No opulento salão radioso da felicidade

Um brinde à felicidade ainda por chegar,

Um brinde à pobreza do esperar,

Um brinde de sonho!

DEVERIA TER HAVIDO ROSAS DO CADERNO DE RASCUNHOS

Deveria ter havido rosas.

Das amarelas, graúdas e pálidas.

E elas deveriam ter pendido sobre o muro do jardim em um opulento cacho, espargindo indiferentemente as delicadas pétalas pelos sulcos de roda do caminho: um nobre lampejo de toda a viçosa abundância de flores lá dentro.

E deixem-nas ter também o sutil e fugaz aroma de rosas que não pode ser retido, que é como o de frutos desconhecidos com os quais os sentidos fabulam em seus sonhos.

Ou deveriam ser vermelhas, as rosas?

Talvez.

Poderiam ser rosas pequenas, redondas e rijas, e assim deveriam pender em leves ramos, com folhagem lustrosa, vermelhas e frescas, e seriam como uma saudação ou um beijo atirado ao caminhante que, cansado e empoeirado, vem chegando pelo meio do caminho, contente por ter agora apenas um meio quarto de milha até Roma.

No que pensa ele? O que seria sua vida?

E... agora as casas o ocultam, elas ocultam tudo atrás delas; ocultam umas às outras e o caminho e a cidade, mas há panorama o bastante do outro lado; lá o caminho ondula numa curva pachorrenta e lentamente torneada descendo rumo ao rio, até a ponte triste. E por trás dela, por sua vez, há toda essa imensa campanha.

Esse imenso cinza e verde das planícies... É como se a fadiga de muitas milhas cansadas subisse delas e se estendesse pesadamente sobre a pessoa e a fizesse sentir-se solitária e abandonada, levasse-a a buscar e ansiar. Assim, é muito melhor se aconchegar num recanto como aquele ali embaixo, entre altos muros de jardim, onde o ar é tépido, suave e quieto, sentar-se no lado ensolarado, onde um banco se encolhe em algo como um nicho no muro, sentar-se ali e olhar para o brilhante acanto verde na valeta da estrada, para os cardos manchados de prata e para as flores outonais amarelo-pálidas.

No comprido e cinzento muro diretamente defronte, um muro cheio de buracos de lagartixa e fendas com ervas ressecadas, é aí que as rosas deveriam ter estado, e elas deveriam ter espiado para fora justamente no lugar onde a superfície longa e uniforme é quebrada por um bojudo e grande cesto de magnífica e antiga forjadura, um cesto gradeado que forma um balcão espaçoso e que ultrapassa a altura do peito, ao qual deve ter sido refrescante subir quando se estava cansado do jardim fechado.

E eles o estiveram com frequência.

Eles odiaram a magnífica e antiga vila que deve estar lá dentro, com suas escadas de mármore e suas tapeçarias de fiação grosseira; e as antiquíssimas árvores, com suas copas orgulhosas e negras, pinheiros e loureiros, freixos, ciprestes e azinheiras, foram odiadas durante todo o seu crescimento com o ódio que os corações desassossegados têm pelo cotidiano, pelo habitual, pelo rotineiro, por aquilo que não partilha de seus anseios e, por isso, parece oferecer resistência.

Mas, no balcão, podia-se pelos menos divagar com o olhar; assim, eles ficaram ali parados uma geração após a outra olhando para fora, todos juntos, cada um segundo seu ânimo, cada um para o que é seu. Braços com braceletes de ouro descansaram sobre a borda do cesto de ferro, e

muito joelho envolto por seda se apertou contra suas volutas negras, enquanto fitas multicoloridas esvoaçaram de todos os seus balaústres qual acenos de amor e promessas de encontro. Donas de casa, pesadas e grávidas, também elas estiveram ali paradas e enviaram mensagens impossíveis rumo à lonjura. Mulheres, grandes, viçosas e solitárias, pálidas como o ódio... Se a morte pudesse ser enviada com um pensamento, se o inferno pudesse ser aberto com um desejo!... Mulheres e homens! São sempre mulheres e homens, mesmo essas magras e alvas almas de donzela que, qual uma revoada de pombas desnorteadas, se apertam contra a grade preta e gritam: “Peguem-nos!” para imaginados e nobres falcões.

Poderíamos imaginar um provérbio¹ aqui.

O cenário serviria bem para um provérbio.

O muro ali com o balcão exatamente como ele é; mas o caminho precisaria ser mais largo, alargar-se até formar uma rotunda, e no meio é preciso um antigo e tranquilo chafariz, construído de tufo amarelecido com um tanque de pórfiro gretado. Como figura de fonte, um golfinho com a cauda quebrada e uma narina entupida. Da outra, corre o fraco esguicho. – Num dos lados do chafariz, um banco semicircular de tufo e tijolos.

A poeira solta, cinza esbranquiçada, os tijolos avermelhados e moldados do banco, o tufo cortado, amarelo e poroso, o pórfiro escuro, polido e reluzente de umidade, e também o jorro vivaz, pequeno e trêmulo-prateado; materiais e cores caem realmente bem.

Personagens: dois pajens.

Não de algum tempo histórico determinado, pois os pajens da realidade, afinal, não corresponderam de maneira alguma ao ideal dos pajens. Os pajens, aqui, são os pajens tal como eles amam e sonham nos quadros e livros.

É apenas o traje, portanto, que tem algo de histórico em si.

A atriz que deve ser o mais jovem dos pajens veste seda fina, que fica bem justa e é azul-pálida e entretecida com lírios heráldicos do mais resplandecente dourado. Isso, e também tantas rendas quanto for possível colocar, é o que mais se destaca no traje, que não tem tanto em vista algum século determinado quanto realçar a figura juvenilmente cheia, o magnífico cabelo louro e a tez delicada.

Ela é casada, mas durou apenas um ano e meio, então separou-se do marido e dizem que de forma alguma se comportou bem para com ele. E bem pode ser isso, mas não poderíamos ver algo mais inocente diante de nossos

1. Ou “provérbio dramático”, peça curta, em geral de um só ato, que tem por tema o desenvolvimento de um provérbio. Era apresentada geralmente como uma charada: o público deveria descobrir a que provérbio se referia a encenação.

olhos. Quer dizer, não é essa inocência de primeira mão deveras graciosa que com toda certeza tem o seu atrativo; é, pelo contrário, essa inocência cultivada e bem desenvolvida sobre a qual nenhuma pessoa pode se enganar e que vai direto ao coração e comove com toda a força que uma vez foi dada ao que é perfeito.

A outra atriz é no provérbio a melancólica esbelta. Ela é solteira, não tem história, absolutamente nenhuma; não há ninguém que dela saiba o mínimo, e, no entanto, há tanta coisa eloquente nesses membros delicadamente desenhados, quase magros, nesse rosto regular e pálido como âmbar, ensombrecido como é por cachos preto-corvo, carregado por esse pescoço masculino e de linhas fortes, encantador com o seu sorriso sarcástico e no entanto doente de nostalgia, insondável com esses olhos cuja escuridão tem uma suavidade em seu brilho qual a pétala escura na flor do amor-perfeito.

O traje é de um amarelo apagado, com feitiço de couraça, listrado ao comprido com largas pregas, com gola levantada e rígida e com botões de topázio. Uma pequena goliha crespa aparece na borda da gola, assim como junto à mão nas mangas de remate justo. Os calções são curtos, largos, fendidos e de uma cor morta, verde, com púrpura empalidecida nas fendas. Malha cinza. – A do pajem azul, obviamente, é branco brilhante. – Ambos usam barretes.

Assim são eles.

E agora, o amarelo está parado no alto do balcão e inclina-se para a frente sobre sua borda, enquanto o azul está sentado lá embaixo no banco do chafariz, comodamente apoiado para trás e com as mãos cheias de anéis envolvendo um dos joelhos. Sonhador, ele olha a campanha ao longe.

Então ele fala.

– Não, não há nada no mundo como as mulheres! Não entendo... Deve haver um feitiço nas linhas em que são criadas, pois apenas as vejo passar – Isaura, Rosamund e Donna Lisa e as outras –, apenas vejo como as vestes se juntam em torno de suas formas, como drapejam sob seu andar, é como se meu coração bebesse o sangue de todas as minhas veias e deixasse minha cabeça vazia e sem pensamentos, e meus membros tremendo e sem forças, todo o meu ser... meu ser inteiro concentrado num único, vasto e trêmulo, receoso anseio. O que é isso, afinal? O que pode ser isso? É como se a felicidade passasse invisível diante de minha porta, e eu devesse agarrá-la e segurá-la firme e ela devesse ser minha, tão prodigiosamente – e eu não posso agarrá-la porque não posso ver!

Então disse o outro pajem de seu balcão:

– E quando estavas sentado aos pés dela, Lorenzo, e ela, perdida em seus pensamentos, esqueceu por que mandou te chamar, e estavas sentado, calado e expectante, e o rosto amável dela estava sobre ti, mais afastado nas nuvens de seus sonhos do que a estrela de ti em seu céu, e, no entanto, tão próximo do teu olhar que cada traço estava entregue à tua admiração, cada traçado nascido da beleza, cada colorido lírio dessa pele, em sua alva quietude como em sua mudança delicada, próxima às rosas – não era para ti como se ela, ali sentada, pertencesse a um outro mundo que aquele em que te ajoelhavas em admiração, como se tivesse um outro mundo dentro de si, um outro mundo em volta de si, no qual seus pensamentos endomingados se dirigiam a uma meta que não conhecias e no qual ela amava longe de ti e do que é teu, de teu mundo e do todo, e sonhava longe e anelava longe, e não havia o menor espaço para conquistares em seus pensamentos, embora ardesse por te sacrificar por ela, por dar tua vida e tudo, apenas para que houvesse algo entre ti e ela, mesmo que apenas um lampejo de algo menos do que camaradagem, muito menos do que pertença?

– Sim, sim, é claro que sabes que é assim. Mas...

Agora, uma lagartixa verde-dourada corre ao longo da borda do cesto de ferro. Ela para e olha em volta. A cauda se move...

Se pudéssemos achar uma pedra...

Tome cuidado, minha amiga de quatro patas!

Não, elas não podem ser atingidas, elas conseguem ouvir as pedras muito antes que se aproximem. Mesmo assim, ela tomará um susto.

Mas os pajens desapareceram no mesmo instante.

Ela estava sentada de maneira tão encantadora, a azul, e em seu olhar havia precisamente o justo e insciente anseio e, em todos os seus movimentos, um nervosismo cheio de presságios, como no pequeno traço de dor em volta de sua boca, tanto quando ela mesma falava como ainda mais quando escutava a voz suave e um pouco grave do pajem amarelo, que, do alto do balcão, dirigiu-lhe palavras provocadoras e contudo acariciantes em tom de escárnio e em tom de simpatia.

E não era agora como se ambos estivessem ali outra vez?

Eles estão ali, e continuaram a encenar o provérbio enquanto estiveram desaparecidos e continuaram a falar sobre o vago amor juvenil que nunca encontra repouso, mas, inquieto, vagueia por todas as terras do pressentimento e todos os céus da esperança, doente de anseio por saciar-se no ardor intenso e profundo de um sentimento grande e concentrado; foi sobre isso que falaram; o mais jovem com

um lamento amargo, o mais velho, com melancolia cada vez maior, e agora, o mais velho, o amarelo, diz ao azul que ele não deve ficar tão impaciente por ser apanhado e preso pelo amor correspondido de uma mulher.

– Não, crê-me – diz ele –, o amor que encontras atado por dois braços brancos, com dois olhos qual teu céu próximo e a segura bem-aventurança de dois lábios, está demasiado próximo à terra e ao pó, trocou a eternidade livre dos sonhos por uma felicidade que pode ser medida em horas e em horas envelhece; pois ainda que rejuvenesça constantemente, ele perde a cada vez um dos raios que, numa coroa de glória que não pode murchar, brilham em volta da juventude eterna dos sonhos. Não, tu és feliz!

– Não, tu és feliz! – responde o azul –, eu daria um mundo para ser como tu!

E o azul se ergue e começa a descer o caminho rumo à campanha, e o amarelo olha atrás dele com um sorriso melancólico e diz a si mesmo:

– Não, *ele* que é feliz!

Mas, bem abaixo na estrada, o azul se volta mais uma vez para o balcão e grita, enquanto tira seu barrete:

– Não, tu que és feliz!

Deveria ter havido rosas.

E então um sopro de vento poderia vir e sacudir toda uma chuva de pétalas de rosa dos ramos pesados de flores e redemoinhá-las atrás do pajem que partiu.

Aceito em: 23/02/2018

Recebido em: 14/05/2018